

## REFLEXÕES SOBRE AS REALIZAÇÕES LINGÜÍSTICAS DE UM SUJEITO AFÁSICO\*

Ilza Ribeiro

Universidade Estadual de Feira de Santana

Universidade Salvador, CNPq

**RESUMO:** *Este texto apresenta uma proposta de análise de certos enunciados produzidos por um sujeito afásico com agramatismo e assume que a noção de aspecto verbal é explorada pelo sujeito na seleção da forma de realização dos predicados.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Afasia; agramatismo; sintaxe.*

### REFLEXÕES INICIAIS

A afasia consiste em distúrbios de processos lingüísticos produzidos por lesão em zonas do sistema nervoso central que são responsáveis pela linguagem. Pode-se identificar dois objetivos gerais na afasiologia: o **reconhecimento** e a **reconstrução** das dificuldades lingüísticas do sujeito afásico.

Ambos os objetivos têm peso fundamental; a compreensão dos processos envolvidos na afasia permite o bom desenvolvimento da prática clínica; o processo de reconstrução das dificuldades lingüísticas fornece elementos para uma melhor caracterização da afasia, em geral, e dos distúrbios lingüísticos do sujeito com quem se está trabalhando, em particular. Há, portanto, uma interrelação entre os dois objetivos gerais.

Pensamos que a Teoria da Gramática (TG), ou teoria chomskiana, a que se tem denominado de Princípios e Parâmetros, pode auxiliar os pesquisadores dos problemas afásicos, no que se refere à identificação e compreensão dos distúrbios de linguagem, sobretudo no campo do agramatismo (desordem afásica de produção de sentença). Se os dois objetivos gerais da afasiologia estão interrelacionados como supomos, a TG possivelmente poderá ser vista como uma teoria auxiliar no desenvolvimento de práticas de avaliação e acompanhamento dos sujeitos afásicos.

Não estamos dizendo com isso que as estratégias de reconstrução dos

objetos lingüísticos possam/devam ser reguladas pelo arcabouço teórico da TG. Ao contrário, sabemos que a reconstrução do sujeito afásico envolve fatores outros, não relacionados com os propósitos programáticos da teoria chomskyana, como por exemplo: *o jogo dialógico, a construção conjunta da significação, o recurso ao ponto de vista do interlocutor, a utilização dos interlocutores como base para os parâmetros da interlocução e da aceitabilidade social de suas expressões, a partilha e negociação das pressuposições que lhe permitam assumir na interlocução seus papéis reversíveis, etc.* (cf. Coudry 1988: 59).

A nossa reflexão consiste, em essência, no fato de que a estrutura conceptual e dedutiva da teoria de Princípios e Parâmetros pode auxiliar na interpretação dos dados afásicos, guiar pesquisas que conduzam à descoberta de novos dados e à formulação de novas questões sobre o agramatismo (cf. Rizzi 1985 para uma proposta nessa direção) e, conseqüentemente, fornecer pistas para a reelaboração das dificuldades lingüísticas.

De modo semelhante, acreditamos que o estudo da afasia tem um papel importante a desempenhar na investigação da Gramática Universal (GU), nas pesquisas da TG. Ponderamos, assim, que uma relação mais íntima entre esses dois campos de estudo da linguagem pode ser de importância fundamental no estudo científico do conhecimento gramatical e de sua relação com a estrutura neurológica.

O fato de essas duas áreas, a TG e a Neurolingüística, terem praticamente se ignorado durante as últimas décadas foi prejudicial a ambas. Compreendemos que as constantes reformulações dos modelos teóricos da TG e a complexa formalização de suas análises têm contribuído para o distanciamento de áreas adjacentes como a Neurolingüística (e a Psicolingüística). Desse modo, a TG perde uma preciosa fonte de dados ao ignorar os estudos no campo da afasiologia (e da psicologia experimental); a Neurolingüística, por outro lado, deixa de utilizar métodos e aparatos conceptuais que poderiam lhe fornecer elementos para a definição/explicação da natureza da afasia em termos de estrutura sintática.

É tendo em mente a possibilidade dessa relação entre a TG e a Neurolingüística que desenvolvemos este estudo. Na primeira parte do trabalho, definimos agramatismo e tecemos algumas considerações sobre a TG. Na segunda parte, caracterizamos os tipos de sentenças das línguas naturais e apresentamos uma proposta de análise das realizações lingüísticas do sujeito afásico P<sup>1</sup>, caracterizando-as como sendo do tipo "sentenças pequenas".

## 1. CARACTERÍSTICAS DO AGRAMATISMO

Agramatismo ou afasia de Broca consiste em um distúrbio de produção de sentença que leva a uma simplificação da forma da sentença, a partir da omissão de palavras funcionais e de terminações flexionais.

Alguns estudiosos da afasia de Broca consideram que os agramáticos tam-

bém mostram danos de compreensão da forma da sentença, embora eles sejam capazes de seguir razoavelmente bem uma conversa do cotidiano. Indaga-se, assim, se o *deficit* produtivo é sempre acompanhado por *deficit* de compreensão. Voltamos a esse assunto.

As hipóteses de trabalho neste campo podem ser classificadas em três grandes domínios: (1) a hipótese sintática, (2) a hipótese fonológica e (3) a hipótese lexical. As hipóteses fonológica e lexical derivam a origem do problema afásico do nível da palavra, ou seja, da dificuldade de processamento das palavras funcionais, identificando-as como elementos particulares fonologicamente definidos (hipótese fonológica) ou como elementos armazenados no léxico, de uma maneira específica, tendo os pacientes agramáticos perdido sua organização particular (hipótese lexical).

A hipótese sintática, por outro lado, afirma que o sujeito agramático não consegue lidar adequadamente com a estrutura sintática da sentença e, conseqüentemente, apresenta dificuldades com palavras funcionais, indicadoras da estrutura da sentença. Desse ponto de vista, o problema com palavras funcionais não é causa, mas sim conseqüência.

Existe todo um questionamento sobre a existência de paralelismo quanto ao problema de compreensão/produção nos afásicos de Broca, ou seja, se os falantes agramáticos também apresentam problemas de compreensão com palavras gramaticais. Os estudos até agora realizados apontam para uma resposta afirmativa. Várias propostas têm sido feitas no sentido de oferecer uma explicação para esse paralelismo. Citamos algumas delas (cf. Kean 1985):

- a) a área de Broca seria a base para conceitos gramaticais; a lesão dessa área conduziria, inevitavelmente, ao agramatismo expressivo e receptivo;
- b) o agramatismo resulta de uma dificuldade de ativar qualquer palavra, sendo as palavras funcionais mais sensíveis a esse processo, por serem mais complexas ou por serem adquiridas posteriormente às outras palavras;
- c) o paralelismo resulta de uma restrição no conhecimento da gramática e da sintaxe.

De nossa parte, tentamos apresentar evidências que se relacionam, de alguma forma, com a hipótese (c), a saber, argumentamos que a representação sintática das realizações lingüísticas do agramático se restringe a uma estrutura simples, em que só são considerados os dois principais constituintes da sentença: sujeito e predicado. Os problemas de compreensão e produção derivam, assim, das restrições impostas às suas realizações lingüísticas pelas propriedades da estrutura sintática gerada pelos afásicos. Desse modo, propomos uma reformulação da hipótese sintática, dizendo que as dificuldades com palavras funcionais derivam do fato de que o agramático não consegue lidar adequadamente com os tipos de estrutura sintática que implicam no domínio de categorias funcionais, mas que pode lidar com estruturas sintáticas em que a manifestação dessas categorias não é necessária ou não é requerida. Voltamos a esse assunto no item 2.

### 1.1 Observações gerais sobre a TG

A teoria chomskiana concebe a gramática como um conjunto de princípios altamente restritos e assume que a criança nasce com uma faculdade de linguagem que a dota do conhecimento do que esses princípios são. Tais princípios determinam a natureza de possíveis/impossíveis estruturas e regras lingüísticas das línguas humanas.

Chomsky (1972), argumenta, por exemplo, que o princípio que determina que todas as regras gramaticais são dependentes de estrutura é parte do sistema inato de princípios da GU, biologicamente determinados, que constituem a faculdade de linguagem humana. Ele considera, assim, que os seres humanos são geneticamente pré-programados com uma faculdade de linguagem que define o conjunto de possíveis gramáticas das línguas naturais.

Considerando-se a existência de restrições genéticas na forma das gramáticas das línguas naturais, espera-se que todas as línguas partilhem certas propriedades universais, determinadas por estas restrições genéticas. Desse modo, no processo de aquisição da linguagem, a tarefa da criança consiste em identificar as propriedades particulares da língua materna, com base em seu dote genético e em sua experiência lingüística.

A hipótese chomskiana de que a criança tem um conhecimento de GU pode ser ilustrada com a seguinte citação:

*UG may be regarded as a characterization of the genetically - determined language faculty. One may think of this faculty as a "language acquisition device", an innate component of the human mind that yields a particular language through interaction with presented experience, a device that converts experience into a system of knowledge attained: knowlwdge of one or other language (Chomsky 1986:3).*

A GU enfatiza, assim, as similaridades potenciais entre as línguas. Para explicar as diferenças, os princípios são definidos de acordo com um pequeno conjunto de parâmetros. A fixação do valor de um parâmetro em uma dada maneira definirá a gramática de uma dada língua. Como Grodzinsky (1985:188), comenta:

*The burden this conceptual structure puts on the theory is enormous: it must have an extremely tight internal structure, such that one small change (in the value of a parameter) would have far-reaching consequences through a domino effect, to account for grammatical differences among languages.*

Em relação à aquisição da linguagem, portanto, a tarefa da criança consiste em fixar os valores dos parâmetros a partir dos enunciados que ela ouve. Como os parâmetros são em número limitado, as opções de seleção do sistema gramatical da língua falada ao seu redor também são finitas, ou seja, se situam dentro

de limites fixos. Conclui-se, portanto, que a habilidade de produzir e interpretar sentenças é regida pelos princípios gramaticais que definem sua estrutura.

Uma questão se coloca agora: como esses conceitos se relacionam com o estudo do agramatismo? Julgamos que os agramáticos, em geral, usam estratégias sintático-semânticas para organizar suas realizações lingüísticas, ou seja, que eles são capazes de lidar (produzir e interpretar) com algum tipo de estrutura sintática permitida pela GU, embora não com todos os tipos. Pensamos, assim, que a teoria da estrutura da linguagem (a TG) deve ser capaz de fornecer uma explicação do dano lingüístico do agramático em relação à estruturação de suas realizações lingüísticas.

Grodzinsky (1985), diz que o agramatismo pode ser visto como uma perda do conhecimento gramatical ou como uma ruptura de alguns processos relativos ao uso desse conhecimento. Ainda segundo ele, esteja o dano lingüístico relacionado com o conhecimento gramatical ou com seu processamento, em ambos os casos a TG deve ser compatível com esses desarranjos lingüísticos, visto ser ela uma teoria da organização interna do conhecimento gramatical. Assim sendo, ao usarem certas estratégias substitutivas, na organização de suas expressões lingüísticas, estão os afásicos explorando um aspecto produtivo da faculdade de linguagem, ou seja, explorando aquilo que a faculdade de linguagem lhes oferece: as propriedades inatas do sistema lingüístico humano.

Rizzi (1985), comenta que as estratégias utilizadas pelos agramáticos na organização de suas expressões lingüísticas podem diferir das estratégias normalmente exploradas por sua língua nativa, mas serem semelhantes às usadas normalmente por outras línguas naturais. Sobre esse ponto, uma questão ainda se coloca, segundo Rizzi: nas estratégias substitutivas, os agramáticos exploram aspectos produtivos da faculdade de linguagem ou são essas estratégias de natureza diferente daquelas encontradas no sistema gramatical humano? Pode-se responder a essa questão dizendo que as pesquisas sobre o agramatismo parecem indicar a existência e relevância das funções gramaticais na habilidade lingüística dos agramáticos, como indicam os estudos de Grodzinsky (1986), e a teoria dos traços, o de Coudry (1988), e a teoria dos casos de Fillmore, entre outros.

## **2. UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DAS REALIZAÇÕES DE UM AFÁSICO**

### **2.1. Caracterização dos tipos de sentenças das línguas naturais**

Falamos, acima, que as realizações lingüísticas dos agramáticos são configurações sintáticas de algum tipo. As sentenças de uma língua apresentam uma estrutura de constituintes em que cada um deles pertence a uma categoria específica. Algumas considerações são feitas, agora, sobre o aparato gramatical que a TG usa para explicar certos fatos relacionados com a estrutura de constituintes

da sentença.

Radford (1988), considera a existência de três tipos de sentença nas línguas humanas, a saber, sentenças ordinárias, sentenças excepcionais e sentenças pequenas. As sentenças ordinárias podem ser finitas ( com verbos no indicativo ou subjuntivo) e não finitas (com verbos no gerúndio, infinitivo ou particípio)<sup>2</sup>.

A estrutura interna de uma sentença ordinária pode ser representada como em:

(1) [ C [ SN F SV ] ]

em que C(omplementador) e F(lexão) são constituintes obrigatórios. O constituinte C, em sentenças encaixadas, em português, pode ser preenchido por: que, se, para, ...; em sentenças matrizes/independentes, por elementos interrogativos (que, quem, quando, onde, ...) ou por verbos auxiliares (ter, ser, ...). O constituinte F contém traços gramaticais de tempo e de concordância que se realizam na forma verbal. Apresentamos, a seguir, construções com essa configuração sintática.

- (2) a) [ onde [ João guardou o carro ] ] ?  
 b) [ tendo [ ele concluído o trabalho ... ] ]  
 c) [ teriam [ os meninos chegado a tempo ] ] ?  
 d) disse [ que [ Maria saiu cedo ] ]  
 e) pediu [ para [ ir ao cinema ] ]

A estrutura interna das sentenças excepcionais se apresenta como:

(3) [ SN F SV ]

sem uma posição C. As sentenças excepcionais representam um tipo especial de completivas infinitivas, com um certo número de características idiossincráticas, como por exemplo, serem complementos de um subconjunto específico de verbos e nunca serem introduzidas por um complementador. O constituinte F, obrigatório nestas construções, pode ser preenchido, em português, pelos afixos da flexão do infinitivo, como em:

(4) nunca vi [ meus filhos mentirem ]

As sentenças pequenas (Small Clause=SC), projeções das categorias lexicais N, A, P e V, são estruturas simples, constituídas de sujeito-predicado, da forma:

(5) [ SN SX ]

em que SX representa os constituintes que podem exercer função predicativa: SN,

SA, SP e SV. Exemplificamos as construções SCs abaixo:

- (6) a) considero [ João inteligente ]  
 b) vi [ a roupa na sacola ]  
 c) exercícios deixam [ Maria cansada ]  
 d) deixe [ isso girar ]  
 e) acho [ Paula uma boa menina ]  
 f) encontrei [ o cão no sofá ]

Radford (1986:9), estabelece as seguintes diferenças entre as sentenças ordinárias e as SCs, na fala dos adultos:

- (7) a) sentenças ordinárias podem ser introduzidas por complementadores, sentenças pequenas não podem;  
 b) sentenças ordinárias podem conter auxiliares prepostos, sentenças pequenas não podem;  
 c) sentenças ordinárias podem conter sintagmas-QU prepostos, sentenças pequenas não podem;  
 d) sentenças ordinárias podem conter um modal, sentenças pequenas não podem;  
 e) sentenças ordinárias podem conter um verbo marcado para tempo, sentenças pequenas não podem, etc.

Essas diferenças são explicadas em termos de ausência de um sistema-C e de um sistema-F nas SCs, ou seja, elas não apresentam quaisquer propriedades relacionadas com tais sistemas.

### 2.1.1 As sentenças pequenas na fala das crianças

Segundo Radford (1986), são as sentenças pequenas as primeiras realizações sintáticas das crianças. Alguns dos exemplos citados por ele são<sup>3</sup>:

- (8) a) that one go round [ NP VP ] (Bethan 21.0)  
 b) Paula good girl [ NP NP ] (Paula 18.0)  
 c) Saussage bit hot [ NP AP ] (Jem 23.0)  
 d) Wayne in bedroom [ NP AP ] (Daniel 21.3)

A afirmativa de que as primeiras sentenças das crianças não têm um sistema-C nem um sistema-F se origina de fatos como:

- (9) a) want [ baby talking ] (Hayley 20)  
 b) Ball go ?  
 c) \* who ( are) you watching ?

- (10) a) want [ have money ] (Daniel 19.0)  
 b) read book

em que as construções em (9) derivam da falta de um sistema-C e as em (10), da falta de um sistema-F : o exemplo em (9 a) não contém um complementador evidente; em (9 b) falta a inversão sujeito-auxiliar característica das interrogativas diretas do inglês (o constituinte C é o local de pouso do auxiliar preposto); (9 c) exemplifica um tipo de construção interrogativa não atestado nas primeiras realizações sintáticas das crianças, as construções denominadas de movimento - QU, que implicam na existência de um sistema-C.

Quanto às construções que atestam a ausência de um sistema-F, a em (10 a) exemplifica a ausência da partícula infinitiva *to*, um constituinte de F, e a em (10b), a ausência do auxiliar modal subjacente ao modelo do adulto (*I will read the book*).

Portanto, as primeiras realizações sintáticas das crianças caracterizam-se como sentenças pequenas, cuja estrutura é [ SN SX ]:

- (11) a) Claudette cold (Angela 25) [ SN SA ]  
 b) car away (Allison 16.3) [ SN SP ]  
 c) that Ashley (Stephen 19.2) [ SN SN ]  
 d) pig there ( Claire 23.2) [ SN LOC ]  
 e) want [ Teddy drink ] (Daniel 19.1) [ SN SV ]  
 f) want [ monkey on bed ] (Daniel 23.3) [ SN SP ]

Uma F finita na fala dos adultos é marcada para tempo como [+/- passado]. No entanto, se as sentenças das crianças não contêm um constituinte F, deve-se esperar, então, que suas sentenças se realizem sem tempo, ou seja, não marcadas para tempo, como as construções em (11), que exemplificam SCs sem verbos (exceto 11e) e sem auxiliares. O mesmo pode ser dito em relação à SC (11e) que contém um verbo: a falta de um constituinte F identifica as SCs verbais das crianças como construções sem tempo.

Os exemplos abaixo mostram que a maioria das formas verbais usadas pelas crianças, nesse estágio, é uma forma básica simples (cf. Radford 1986:18):

- (12) forma básica não flexionada  
 a) Lady do (Jean, 21.3)  
 b) that go there (Claire, 23.2)

- (13) gerúndio  
 a) Joey eating (Bethan, 21.0)  
 b) Teddy crying (Daniel, 22.3)

- (14) participio  
 a) Blanket gone (Bethan, 20.0)  
 b) that broken (Claire, 23.2)

Como Radford observa, embora as formas de gerúndio e participio envolvam a adição de sufixos à forma básica do verbo, elas são, ainda assim, formas não marcadas para tempo, ou seja, não são formas intrinsecamente marcadas [+/- pass], podendo ser usadas em qualquer contexto de tempo.

De modo semelhante, as estruturas [ SN SV ] não apresentam as propriedades de concordância (pessoa e número) entre sujeito/predicado, características da fala dos adultos:

- (15) a) that go there (Claire, 23.2)  
 b) all go teaparty (Claire, 23.2)
- (16) a) Hayley talk (Hayley, 20 )  
 b) Paula good girl (Paula, 18)

Em (15 a) e (16 a), as formas verbais não concordam com as expressões sujeito, nas formas de terceira pessoa do singular.

Em resumo, as SCs realizadas pelas crianças caracterizam-se como:

- (17) a) sentenças sem complementadores  
 b) sentenças sem sintagmas-QU prepostos  
 c) sentenças sem tempo  
 d) sentenças sem concordância  
 e) sentenças em que o constituinte SV pode faltar.

Existem algumas diferenças entre as SCs produzidas por crianças e aquelas produzidas por adultos. Por exemplo, as SCs dos adultos só podem ser usadas como complemento de um subconjunto de verbos transitivos (considerar, encontrar, ...) e as SCs das crianças são sentenças independentes<sup>4</sup>.

Assim, a sintaxe de princípios e parâmetros procura especificar o modo como cada língua pode diferir em relação à sua estrutura interna (bem como especificar o conjunto de parâmetros de variação entre as línguas). Acreditamos que um estudo do agramatismo e da TG deve desejar saber se o conjunto de variação paramétrica entre as diferentes gramáticas que a criança adquire no processo de maturação lingüística e o conjunto de variação paramétrica encontrada na gramática do adulto refletem, de alguma forma, os mecanismos lingüísticos utilizados pelos agramáticos, isto é, se as realizações lingüísticas dos agramáticos apresentam similaridades tipológicas com as estruturas encontradas na gramática dos adultos e das crianças. Algumas reflexões sobre esta questão serão apresentadas a seguir.

## 2.2. As realizações lingüísticas do sujeito afásico P

Vimos, acima, que as primeiras realizações lingüísticas das crianças são do tipo SC, apresentando uma estrutura interna de constituintes semelhante à dos adultos. O recurso a construções SCs indica que as crianças dominam a sintaxe das categorias lexicais antes da sintaxe das categorias funcionais. É justamente este o ponto que queremos relacionar com a sintaxe dos agramáticos: o domínio de categorias lexicais / o não domínio de categorias funcionais. Dito de outro modo, queremos propor uma análise das realizações lingüísticas de P como do tipo SC, semelhante à das crianças, apesar de apresentarem diferenças significativas<sup>5</sup>. Os dados do sujeito P evidenciam tal distribuição.

### 2.2.1 As sentenças pequenas

O agramatismo tem sido caracterizado como uma simplificação da forma da sentença, refletindo-se, principalmente, na omissão de palavras funcionais e terminações flexionais. Queremos propor, neste estudo, que as simplificações estruturais e omissões morfossintáticas dos agramáticos são uma consequência da maneira pela qual eles estruturam suas sentenças.

Os exemplos abaixo ilustram algumas das realizações do sujeito P<sup>6</sup>:

- (18) [ 14-06-84: quadro contendo várias cenas: menino ao lado de um toca-discos, empregada trazendo comida em uma sopeira, menina tocando piano.]
- a) INV. - O que este menino está fazendo ?  
P. - Disco.
- b) INV. - O que essa menina tá fazendo aqui ?  
P. - Piano.
- c) INV. - O que essa empregada tá fazendo ?  
P. - Sopas (dados de Coudry 1988)

Vimos, anteriormente, que as SCs são projeções do léxico. Sua representação conceptual implica num predicado relacionado com uma (ou mais) entidades, comumente denominadas de "argumentos". Adotando a estrutura de SC para representar o que o sujeito P produziu em (18), chegamos a:

- (19) a) [ menino disco ]  
b) [ menina piano ]  
c) [ empregada sopas ]

todas do tipo [ SN SN ], em que os segundos SNs representam os predicados e os primeiros, os argumentos.

Assumimos com Coudry (1988:112), que *P percebe e analisa adequadamente a situação figurada; P tem consciência, nessa análise, das relações estabelecidas entre os elementos (ações e processos em que se envolvem) bem como lhes atribui convenientemente seus papéis na situação*. Consideramos, assim, que a distribuição dos predicados – como em (19), formas terminadas em -s e formas sem -s final – não é aleatória mas sim intencional, ou seja, P marca alguma propriedade da proposição através de -s final. Voltamos a este tópico no item 2.2.4.

Algumas realizações de P apresentam problemas para a definição dos constituintes sujeito/predicado, como em:

- (20) [ 24-05-84: foto, observada curiosamente em um livro, de homens jogando futebol. ]  
 INV. - O que eles fazem aí ?  
 P. - Jogas.
- (21) [24-05-84: foto de um homem montando um cavalo e saltando obstáculos.]  
 P. - Homens. (iniciativa de P)  
 INV. - O que ele (mostrando o cavalo) está fazendo ?  
 P. - Pulas. Cavalos
- (22) [24-05-84: foto de um homem cortando uma planta com um instrumento parecido com uma tesoura ]  
 INV. - O que esse homem tá fazendo ?  
 P. - Tisora ... tisora. Cortes ... cortes. (dados de Coudry 1988)

No exemplo (20), podemos dizer que a relação de predicação se estabelece entre os dois únicos elementos disponíveis: [ homens jogas ]. No exemplo (21), no entanto, o sujeito do predicado **pulas** poderia ser **homens** ou **cavalos**. Consideramos que o -s final marca uma ação, hipótese que desenvolvemos com mais detalhes no item 2.2.4. Julgamos, assim, que o aparecimento de **cavalos**, após o predicado **pulas**, explicita a relação entre o predicado e o ser que realmente está pulando, na gravura: o cavalo. Se nossa hipótese estiver correta, a relação de predicação se dá entre [ pulas cavalos ], no exemplo (21), sendo que a SC se apresenta com o padrão básico alterado: [ predicado sujeito ]<sup>7</sup>. Propomos a mesma análise para o exemplo (22), definindo aí uma relação de predicação entre [ tisora cortes ], em que a SC se apresenta no padrão básico: sujeito-predicado.

Em outras realizações de P, o problema da definição da estrutura de predicação se relaciona com outros fatos. Em realizações do tipo abaixo:

- (23) [14-06-84]: investigador e P observam a foto de um casal, jantando à luz suave de um lampião, em um clima muito especial. ]  
 INV. - O que estão fazendo ?  
 P. - Homem, mulher, lâmpada. (dados de Coudry 1988)

(24) [14-06-84]: investigador e P observam uma figura em que há várias ações e participantes: um homem lendo jornal e fumando charuto; outro lendo um livro; uma menina brincando com uma boneca. P tenta, sem sucesso, descrever a cena, o que leva o investigador às perguntas. ]

INV. - O que está acontecendo aqui ?

P. - Homens, homens, homens [...] Como é que se chama? Saco viu!  
Meninos, meninas, menina. [...] Livros, livro, jarutos, jarutos. [...]  
Livros, livro, jarutos, jarutos

INV. - Charuto.

P. - Charuto. (dados de Coudry 1988)

(25) [14-06-84: foto de pessoas fazendo compras em uma galeria, com vários objetos expostos, biquínis, bolsas, etc. ]

INV. - O que estas pessoas estão fazendo?

P. - Lojas.

INV. - O que *tão fazendo* essas pessoas?

P. - Vitruína [ ... ], bolsas, biquíni. (dados de Coudry 1988)

observa-se que nem sempre o paciente estabelece uma relação de predicação entre seus elementos. Em (23), por exemplo, julgamos que P não define uma relação de predicação entre os elementos **homem, mulher, lâmpada**; são simplesmente enumerações de coisas/pessoas das gravuras. Parece-nos que a mesma interpretação pode ser feita para os dados em (24). Quanto a (25), analisamos a possibilidade de uma relação entre [ pessoas lojas ], portanto uma estrutura SC, e consideramos **vitruína, bolsa e biquíni** como enumerações de elementos da gravura.

Prosseguindo na nossa analogia entre as SCs das crianças e as realizações lingüísticas dos agramáticos, tentamos, agora, apresentar evidências em relação à ausência dos sistemas C e F.

### 2.2.2. O sistema -C

Numa situação de entrevista, o sujeito P deveria formular perguntas à autora deste estudo, uma desconhecida para ele, a fim de estabelecer um primeiro contato entre os dois. Transcrevemos, abaixo, algumas delas:

(26) a) - Cargo?

b) - Casada, né?

c) - Filhos?

d) - Campinas ou região? (perguntando se a pessoa mora em Campinas ou alguma outra cidade da região)

em que evidenciamos uma formação de interrogativa sem os elementos-QU comumente usados nesse tipo de construção. Se assumimos uma estrutura de SC para as

realizações de P, as interrogativas em (26) comportam-se como esperado: tendo perdido o domínio do sistema-C, P realiza suas interrogativas dentro do que uma estrutura SC permite.

Por outro lado, encontramos nos dados algumas construções que poderiam ser analisadas como estruturas de deslocamento de elemento-QU:

- (27) a) Como é seu nome?  
b) O que que é isso?

Contudo, pensamos que essas construções serão melhor analisadas como expressões fixas, não produtivas, desde que são esporádicas e restritas. A ocorrência esporádica de determinadas formas ou construções não prova que o agramático domina o processo morfossintático envolvido na construção; ela pode ser analisada (realizada) como um item lexical idiossincrático e não sistematicamente relacionada a outras construções com tal estrutura. Achamos, assim, improvável considerar as construções em (27) como indicando domínio, em qualquer sentido, do sistema-C.

Como hipótese de trabalho, propomos que P marca as interrogativas através de entonação, sendo essa, possivelmente, a única forma permitida numa estrutura de SC. As evidências para a proposta de recursos à entonação, na formação de interrogativas, vêm da realização de uma das tarefas propostas a P: a reconstrução de sentenças-QU e sentenças clivadas. Cada sentença foi escrita em tiras de cartolina, recortadas palavra por palavra e depois entregue ao paciente P para reestruturá-la.

Observamos, inicialmente, as dificuldades de P em lidar com as palavras funcionais, como mostram os arranjos por ele realizados:

- (28) a) João para um presente quem deu?  
b) João deu um para quem presente?  
c) Maria o ontem que fez?  
d) Maria ontem que fez o?  
e) Maria comprou onde o livro este?  
f) Maria comprou este onde livro?  
g) O Maria para João que disse?

Parece-nos, assim, que as dificuldades em lidar com esse tipo de construção se relaciona com o não domínio de elementos/categorias funcionais: os determinantes, as preposições e as palavras-QU.

Apesar de P ter organizado as construções em (28), ele as rejeitou, ou seja, quando indagado sobre a sua boa formação, ele respondeu negativamente, identificando-as como mal formadas. Por outro lado, alguns outros arranjos feitos por P e por Coudry foram considerados bem formados:

- (29) a) João deu um presente para quem? (organizada por Coudry)

b) Onde este livro Maria comprou? (organizada por P)

Neste ponto, coloca-se o problema da compreensão/produção das construções-QU e o comportamento de P em relação a esse assunto. Considerando-se que a grande maioria das construções organizadas por P apresenta um tipo semelhante ao das construções em (28) e que os raríssimos exemplos de construções aceitáveis (??) (mas boas para P) são como:

- (30) a) o que Maria para João disse?  
 b) Maria prá João o que disse?  
 c) Onde este livro Maria comprou?  
 d) João ontem o que fez?

podemos concluir que P apresenta problemas de produção de sentenças que implicam na existência de um sistema-C. Sobre a compreensão dessas construções, o fato que nos leva a dizer que P interpreta essas estruturas a partir da sua entonação pode ser ilustrado pelos seguintes exemplos<sup>8</sup>:

- (31) a) o que Maria ontem fez?  
 b) Maria o ontem que fez?

em que, a depender da entonação dada pela investigadora, o paciente P as considerava boas ou ruins.

O mesmo podemos dizer das estruturas clivadas, como em:

- (32) a) Maria, foi com Pedro que saiu.  
 b) Pedro, foi com Maria que saiu.

Indagado sobre a gramaticalidade dessas construções, o paciente P ora dizia serem elas boas, ora dizia serem ruins, a depender da entonação sobre o constituinte SP (com Pedro/ com Maria) e sobre os elementos topicalizados (Maria/ Pedro). Pensamos, também, que os exemplos em (26) argumentam a favor da hipótese de uma marcação entonacional nas construções interrogativas.

Embora as construções em (30), (31) e (32) pareçam indicar problemas de compreensão, o segundo teste de entrevista, em que o sujeito P foi o entrevistado, aponta para uma compreensão razoável dessas estruturas. As respostas a perguntas do tipo:

- (33) a) Onde o Sr. mora?  
 b) De onde o Sr. conhece Maza?  
 c) Com quem o Sr. gosta de conversar?  
 d) Qual é o nome do médico que atende o Sr. lá?

indicam uma compreensão das questões.

Indagamo-nos, então, se os julgamentos de boa/má formação, do teste de interrogativas, estão, ou não, relacionados com a compreensão. Kolk et alii (1985), dizem que, em alguns falantes agramáticos, os julgamentos de gramaticalidade são preservados e podem coexistir com os danos de compreensão de sentença, e que existem dois tipos de agramatismo: o **típico**, em que agramatismo de produção e de compreensão estão funcionalmente relacionados, e o **atípico**, em que a desordem é somente expressiva. Contudo, nada mais podemos dizer sobre esse fato em relação ao comportamento de P.

### 2.2.3. O sistema F

Na discussão das características das SCs, observamos que a ausência de um sistema-F é uma das propriedades definidoras dessas estruturas. As evidências de que o sujeito P não domina mais a categoria F estão presentes nos vários exemplos de realização espontânea de fala apresentados acima. Falamos em fala espontânea por acreditarmos que ela reflete com mais precisão a capacidade de produção do paciente.

É verdade que encontramos usos esporádicos da categoria-F, como em:

(34) INV. - Ela é homem?  
P. - Não, é mulher.

(35) INV. - Que dia mais que aconteceu isso?  
P. - Não sei

Nossa conclusão sobre esse fato consiste em que a mera presença de terminações flexionais em algumas formas verbais não é suficiente para afirmar que P domina as propriedades do sistema-F, diferenciando-as das de outras categorias.

Achamos que só podemos concluir que o agramático domina um determinado tipo de construção ou uma determinada forma verbal quando a usa sistemática e produtivamente. Não é este o caso do sujeito P, como os exemplos abaixo mostram:

- (36) a) INV. - O que a polícia federal fez?  
P. - Papel, papéis.  
b) INV. - O que eles estão fazendo em frente da TV?  
P. - Filme, né .  
c) INV. - O que estão fazendo esses homens?  
P. - Cavalos, cavalos.  
d) INV. - O que este homem está fazendo com o carro?  
P. - Gasolina.

As questões em (36) deveriam ter sido respondidas com apropriadas formas verbais. Assim, situações como em (36) e outras já apresentadas levam-nos a

concluir que P não domina um sistema-F.

#### 2.2.4. Os predicados

Abordamos, agora, a distribuição dos predicados nas realizações lingüísticas de P. Os exemplos abaixo:

- (37) a) [Foto de um homem agachado, ao lado de um pneu ]  
 INV. - O que este homem tá fazendo?  
 P. - Pneu, pneu.  
 INV. - Fazendo o que com o pneu?  
 P. - Caligrando.
- b) [Foto ... de um homem limpando o vidro dianteiro do carro com um pano. ]  
 INV. - O que ele está fazendo?  
 [.....]  
 P. - Piando, limando [...]. Limpando. (dados de Coudry 1988)
- (38) a) [Foto da investigadora ao lado de uma fonte em Tívoli]  
 INV. - Como é que está essa água aqui? (mostrando o espelho de água formado pela fonte)  
 P. - Essa aqui é [ ... ] bara ... barada, parada.
- b) .....  
 INV. - Por que o senhor não telefonou antes? (dados de Coudry 1988)  
 P. - Foi, foi. Odila (irmã de P) foi para mim.  
 INV. - Não. Mas Odila telefonou?  
 P. - Te-le-fo-na-do! (silabando e com forte acentuação)
- (39) a) [Foto de uma paisagem tipicamente turística: um castelo no fundo e algumas pessoas passeando em um barco próprio para passeio turístico]  
 .....  
 INV. - O que elas estão fazendo?  
 P. - Castelo, navio. Homens, mulheres.  
 INV. - E o que elas estão fazendo?  
 P. - Divertir, passear, né?
- b) [Foto de uma fonte jorrando água]  
 INV. - O que está acontecendo com a água aqui?  
 P. - Chafariz.  
 INV. - E a água?  
 P. - Águas, água [...] cair, né?
- c) [Foto de homens montando cavalos e saltando obstáculos]  
 INV. - O que estão fazendo esses homens?

P. - Cavalos, cavalos.

INV. - Fazendo o que com os cavalos?

P. - Pular. (dados de Coudry 1988)

evidenciam que os predicados são realizados em cinco formas distintas: nome, uma forma nominal com terminação -s, gerúndio, particípio e infinitivo. Assumindo que esta distribuição não é aleatória, e sim intencional, resta explicar de que maneira P analisa cada situação.

Sabemos que os predicados podem expressar, entre outras coisas, as noções de evento, ato, atividade, processo e estado ou qualidade. Nossa hipótese consiste em que P seleciona seus predicados de acordo com tais noções, ou seja, julgamos que P explora a noção de aspecto em suas realizações lingüísticas: a marca -s expressa atos ou ações, relacionados com o sujeito, e os nomes exprimem atividades; os predicados representados por infinitivo, gerúndio e particípio exprimem, respectivamente, eventos (ou acontecimentos), processos e estados. Partindo dessas hipóteses, apresentamos os fatos que nos levam a tais conclusões.

Nos exemplos em (18), Coudry 1988 formula questões usando o pro-verbo **fazer** que deveria levar P a responder pela expressão verbal que reproduzisse a história figurada, o que P fez de uma forma esplêndida: dados os argumentos sujeito (menino, menina e empregada), P utiliza os nomes para exprimir as atividades em relação às duas primeiras questões: ouvir disco e tocar piano são atividades, situações dinâmicas que duram.

A mesma interpretação não pode ser feita quanto à situação da empregada trazendo sopa em uma sopeira, ou seja, P não analisa a gravura como exprimindo uma atividade do sujeito. Julgamos que P não considera mais o verbo fazer como um pro-verbo, nesta situação, e que ele o interpreta no sentido de "preparar cozinhando", como em "fazer o jantar". Assim, P muda o tipo de predicado, utilizando a forma com que ele marca as ações, situações momentâneas: sopas.

Outras estruturas em que os predicados apresentam a marca -s, como em:

- (40) a) [ pulas cavalo ]  
 b) [ pessoas lojas ]  
 c) [ homens jogas ]

parecem favorecer nossa hipótese: os predicados exprimem ações em relação aos sujeitos das predicções.

As estruturas abaixo, por outro lado, indicam-nos uma distribuição dos predicados em acontecimento, processo e estado, respectivamente (cf. (38 a), (39 b) e Coudry 1988:160):

- (41) a) [ água cair ]  
 b) [ água caindo ]

c) [ água parada ]

Outras estruturas que evidenciam tal distribuição estão abaixo exemplificadas:

- (42) a) [ homem pular ]  
 b) [ menino bolas ]  
 c) [ menino trem ]  
 d) [ pneu caligrano ]  
 e) [ SX telefonado ] ( possivelmente SX = Odila )

em que **pular** caracteriza acontecimento; jogar **bolas**, um ato; brincar com **trem**, uma atividade; **calibrando** um pneu, uma situação inacabada, em processo, e ter **telefonado**, uma situação concluída, acabada.

São essas, pois, as nossas hipóteses sobre as realizações lingüísticas do sujeito P.

**ABSTRACT:** *This paper analyses some utterances produced by an aphasic subject with agrammatism and assumes that the notion of verbal aspect is used by this subject when selecting the form the predicate is realized.*

**KEY WORDS:** *Aphasia; agrammatism; syntax.*

## NOTAS

\* Agradecemos a Maria Irma Hadler Coudry o ter-nos possibilitado a realização deste estudo, na UNICAMP.

<sup>1</sup> P é um sujeito afásico cujos problemas neurolingüísticos são reportados e analisados no livro "Diário de Narciso", de Coudry 1988.

<sup>2</sup> Não estamos observando aqui as diferenças existentes entre as línguas, em relação aos tipos de sentenças, à ordenação dos constituintes, etc. Achamos que essas representações dão conta dos dados do português, para o que nos interessa neste estudo.

<sup>3</sup> Utilizamos os exemplos em inglês por considerarmos que para o fim a que nos propomos eles servem, como também por pensarmos que as estruturas sintáticas das realizações lingüísticas das crianças falantes do português não devem diferir essencialmente das do inglês.

<sup>4</sup> Radford observa ainda que as construções completivas são raras neste estágio, ocorrendo esporadicamente após o predicado *want*.

<sup>5</sup> O recurso à teoria da aquisição para explicar esse fato lingüístico não deriva da opinião de que o afásico apresenta um processo regressivo que o aproxima da criança.

<sup>6</sup> Os dados apresentados neste estudo são de Coudry (1988) e de testes aplicados

por Coudry e sua equipe de trabalho, assim como de alguns testes gravados por Coudry e a autora deste trabalho.

<sup>7</sup> A alternância do padrão básico com a ordem inversa também é encontrada na fala dos adultos e das crianças. Cf:

(i) a) comi a cenoura crua.

b) comi crua a cenoura.

(ii) a) out money (Daniel 19,0, wanting to get money out of money-box).

b) off shoe (Daniel 19.1), indicating that his shoe's come off).

<sup>8</sup> Nas construções com elementos-QU, P se recusa sistematicamente a colocar a palavra-QU no início da sentença, chegando até a dizer que elas não podem ocupar esta posição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPLAN, D. Syntactic and semantic structures in agrammatism. In M-L. Kean, (ed.) *Agrammatism*, 1985.

CARAMAZZA, A et alii. A multicomponent deficit view of agrammatism Broca's aphasia. In: M-L. Kean, (ed.). *Agrammatism*, 1985.

CHOMSKY, N. *Language and mind*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1972.

\_\_\_\_\_. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris Publications, 1985.

\_\_\_\_\_. *Knowledge of language*. New York: Praeger, 1986.

COSTA, S.B.B. *O aspecto em português*. Campinas: Ed. Contexto, 1990.

COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

GOODGLASS, H. e MENN, L. Is agrammatism a unitary phenomenon? In: M-L. Kean, (ed.). *Agrammatism*, 1985.

GRODZINSKY, Y. On the interaction between Linguistics and Neuropsychology. In: *Brain and language*, 26. New York: Academic Press Inc, 1985.

\_\_\_\_\_. Cognitive deficit, their proper description, and its theoretical relevance In: *Brain and language*, 27. New York: Academic Press Inc, 1986.

\_\_\_\_\_. et alii. Structural deficit and antecedent processing disruptions. In: M-L. Kean (ed.). *Agrammatism*, 1985.

HEESCHEN, C. Agrammatism versus paragrammatism: a fictitious opposition. In: M-L. Kean (ed.). *Agrammatism*, 1985.

KEAN, M-L. (ed.). *Agrammatism*. New York: Academic Press Inc, 1985.

KOLK, K.J. et alii. Production and comprehension in agrammatism. In: M-L. Klean (ed.). *Agrammatism*, 1985.

RADFORD, A. *Small children's small clauses*. Mimeo, 1986.

\_\_\_\_\_. *Transformational grammar; a first course*. Cambridge: University Press, 1988.

RIZZI, L. Two notes on the linguistic interpretation of Broca's aphasia. In: M-L. Kean (ed.). *Agrammatism*, 1985.

SCHWART, M.F. et alii. The status of the syntactic deficit theory of agrammatism. In: M-L. Kean, (ed.). *Agrammatism*, 1985.